

O retorno de Navalny e a estratégia da esquerda

A Rússia tem tido uma semana agitada e a sucessão de eventos ainda não terminou. Primeiro houve o retorno de Alexey Navalny a Moscou, onde ele foi imediatamente preso assim que saiu do avião, e no dia seguinte sua equipe publicou um vídeo ilustrando a corrupção de Vladimir Putin e convidando todos os cidadãos a saírem às ruas no dia 23 de janeiro para protestar contra o governo. O que a esquerda russa pensa de tudo isso? Navalny certamente não faz parte dela, mas a esquerda deve se abster dos protestos e virar as costas à crise política cervejeira? Pedimos a Ilya Budraitskis, Ilya Matveev e Kirill Medvedev por suas opiniões.

Ilya Budraitskis, historiador, comentarista político e co-autor do Diário Político do podcast

A prisão de Alexei Navalny no aeroporto Sheremetyevo de Moscou, em 17 de janeiro, minutos após seu retorno à Rússia, não foi apenas a reação esperada, mas também a única possível por parte das autoridades russas. No início do ano, depois que as emendas constitucionais do verão passado abriram a porta para o poder pessoal ilimitado de Putin, seu regime entrou claramente numa nova fase: uma ditadura praticamente declarada, não baseada no apoio passivo de uma base social, mas na capacidade repressiva. Nesta nova configuração não há espaço para a oposição liberal marginalizada ou para os partidos do sistema de democracia tutelar, que mantiveram o monopólio absoluto da Rússia unida sob controle e criaram oportunidades limitadas para expressar o descontentamento eleitoral.

A tentativa de assassinato da Navalny pelo aparato de

segurança russo em agosto passado se encaixa perfeitamente neste cenário. Do ponto de vista das autoridades, a principal ameaça colocada pela Navalny é a tática do voto inteligente: a acumulação de todos os votos da oposição sobre os candidatos mais bem colocados para derrotar os nomeados da Rússia unida. Em uma situação em que o apoio ao partido governista está diminuindo rapidamente (atualmente não mais que 30%), o voto inteligente põe em questão as perspectivas para as eleições parlamentares de setembro deste ano e, finalmente, a reeleição triunfante de Putin para outro mandato.

A estratégia populista ousada e precisa da Navalny visa, de fato, criar uma coalizão de oposição, na qual um lugar importante é reservado aos representantes dos partidos do sistema (sobretudo, os comunistas), que se recusarão a dançar ao som do Kremlin e serão capazes de lançar campanhas eleitorais animadas e ofensivas. Um componente chave desta estratégia é a retórica da Navalny, na qual as questões de pobreza e desigualdade social deslocaram os valores liberal-democratas. As conhecidas investigações sobre corrupção, que o tornaram extremamente popular, têm um impacto emocional sobre um grande público (por exemplo, seu último documentário sobre o palácio de Putin, que custou 100 bilhões de rublos 1/, havia sido exibido mais de 50 milhões de vezes em cinco dias), pois refletem diretamente a extrema estratificação da sociedade russa.

Em um contexto de fraude eleitoral direta e pressão policial sem precedentes, a expressão eleitoral de protesto só pode ter um efeito se for apoiada por um movimento de massa fora do parlamento. E somente este movimento pode decidir hoje o destino pessoal da Navalny: se centenas de milhares de pessoas em todo o país não se levantarem nas próximas semanas para exigir sua libertação, não há dúvida de que uma longa estadia na prisão o aguarda.

Na minha opinião, participar desta mobilização – com nosso próprio programa e nossas próprias exigências – é hoje a única

opção para a esquerda russa. Além disso, é a esquerda que pode expressar da maneira mais coerente os sentimentos que levam cada vez mais pessoas a protestar ativamente: desigualdade social, a degradação dos serviços sociais (especialmente de saúde, como visto dramaticamente durante a pandemia), a violência policial e a ausência de direitos democráticos fundamentais (especialmente no campo do trabalho).

Ilya Matveev, pesquisador, professor de Economia Política e co-autor do podcast Political Diary

Primeiro, a decisão da Navalny de retornar à Rússia foi intrigante. O que ele esperava que acontecesse? O Estado havia decidido em termos inequívocos que iria prendê-lo, ignorando a pressão internacional (é claro, após a tentativa de envenenamento, a reputação das autoridades russas dificilmente pode piorar). Na prisão, Navalny pode se gabar de superioridade moral, mas não será capaz de efetivamente revelar investigações sobre casos de corrupção nem fazer campanhas políticas (sua principal atividade). A decisão da Navalny pareceu quase irracional, uma teimosa demonstração de desafio.

Entretanto, logo ficou claro que a ação era um cálculo político. Uma vez que Navalny foi detido, sua equipe lançou um novo vídeo fazendo a denúncia. Foi única em seu gênero: a primeira investigação aprofundada visando diretamente Putin. O vídeo deveria atingir uma grande audiência. O propósito da Navalny era provocar imediatamente uma grave crise política, acrescentando sua prisão à novas revelações explosivas. Esta crise teria uma dimensão de rua – no sábado, 23 de janeiro, as cidades russas realizaram a comícios não autorizados – e uma dimensão eleitoral.

De fato, 2021 é o ano das eleições legislativas na Rússia. O sistema eleitoral neste país é misto: metade do parlamento é eleito em uma base proporcional, e a outra metade por círculos eleitorais com votação por maioria não nominal. Embora as

eleições sejam rigorosamente controladas e a votação de 2020 sobre emendas constitucionais tenha visto um nível de fraude nunca visto antes, as eleições legislativas poderiam muito bem colocar o regime em um impasse. Na votação da lista de partidos, a Rússia Unida, o partido governante, enfrenta um alto grau de impopularidade. E nos círculos eleitorais de um único membro, o regime pode entrar em conflito com o chamado “voto inteligente”, o plano de votação tático promovido pela Navalny. Uma crise política provocada pela prisão de Navalny e seu novo vídeo denunciando Putin visa ambos os objetivos: mina ainda mais o voto da Rússia Unida e favorece o “voto inteligente” em círculos eleitorais de um único membro. Poderia ser um golpe muito duro para o regime, especialmente se combinado com mobilizações de rua. Em resumo, o retorno da Navalny à Rússia tem sido uma manobra calculada. A bola está agora na quadra dos membros comuns da oposição.

Termino com um breve comentário sobre o vídeo em si. Ele não revela muitos fatos novos: o palácio pessoal de Putin já estava nas notícias em 2010. Também não é significativo apenas porque é um desafio direto a Putin. O que é impressionante no vídeo é que ele elabora uma narrativa coerente na qual a característica que define o presidente da Rússia é sua paixão absurda e ridícula pela riqueza material. De acordo com a Navalny, Putin sempre foi movido unicamente por sua luxúria. Ele queria mais e mais quando era agente do KGB na Alemanha, queria mais e mais quando fazia parte do governo da cidade do prefeito Anatoly Sobchak em São Petersburgo nos anos 90, queria mais e mais quando se mudou para Moscou e acabou se tornando presidente, e ainda quer mais e mais, mesmo depois de ter um palácio de 1,5 bilhões de dólares construído com o brasão da dinastia Romanov presidindo a fachada.

Na minha opinião, isto não reflete exatamente a mentalidade ou a motivação de Putin. O regime russo também não pode ser reduzido a esta caricatura. Entretanto, as decisões de Putin nos últimos anos (começando com seu retorno à presidência em

2012 até abolir os limites do mandato em seu próprio benefício em 2020) tornam esta caracterização de sua vida e trabalho inevitável. Para esta imagem unidimensional de sua vida, Putin não tem ninguém a quem culpar senão a si mesmo.

Kirill Medvedev, ativista do Movimento Socialista Russo, músico da Banda Arkady Kots, editor da Zanovo-media

Com seu retorno, Navalny deu um passo importante em direção a uma nova compreensão da política na Rússia e a uma nova rodada de politização. Até agora tínhamos uma clara divisão de tarefas nos protestos: os ativistas assumem riscos porque são motivados por um certo impulso cívico idealista, enquanto os políticos cuidam de seus próprios interesses, muitas vezes puramente egoístas. Navalny traçou esta linha, mostrando que a política pode e deve ser ao mesmo tempo corajosa e tecnológica. Vale notar que nos novos vídeos ele continua a retratar Putin, não como um político, mas como um funcionário corrupto que, tendo acumulado enorme poder através de negócios obscuros, continua a agir no estilo antigo de um capataz pós-soviético com conexões com o serviço secreto.

Entretanto, quanto mais convincentemente Navalny desenvolve o tema da corrupção e da ostentação dos altos cargos, mais se vê os limites desta retórica em um país como a Rússia, esgotado pela desigualdade e dilacerado por contradições de classe. Agora a situação é a seguinte: Navalny exhibe os palácios dos governantes, brincando com o fogo do ressentimento de classe, enquanto ao mesmo tempo (junto com seus camaradas de luta) promete total liberdade para os negócios na Rússia Brilhante do Futuro. O problema, dizem eles, não são os palácios e as gigantescas fortunas em si, mas de onde eles vêm.

É claro que, como ele continua perseguindo esta linha populista, deixará de ser fácil distinguir os amigos corruptos de Putin daqueles que a Navalny descreve como empresários honestos, mas cujas fortunas são igualmente enormes e foram geradas de maneira semelhante, através de mecanismos ilegais

nos anos 90 e 2000 e, é claro, através da superexploração da classe trabalhadora. Tudo isso abre muitas oportunidades para uma política de esquerda, que através de uma combinação igualmente hábil de coragem e racionalidade, poderia levantar uma onda muito mais poderosa de descontentamento e um programa de mudança muito mais coerente do que o populismo eclético da Navalny.